

Um olhar docente sobre os processos de avaliação no contexto escolar
A teaching look at the evaluation processes in the school context
Una mirada docente sobre los procesos de evaluación en el contexto escolar

Recebido: 06/03/2019 | Revisado: 13/03/2019 | Aceito: 27/03/2019 | Publicado: 29/03/2019

Daiana Graciele Bueno

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6173-0822>

Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Brasil

E-mail: daiana.bueno@universo.univates.br

Diana Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1556-0468>

Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Brasil

E-mail: dyanamachado@hotmail.com

Sabrina Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7883-9728>

Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Brasil

E-mail: sabrinamonteiro1991@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo investigar e discutir os processos avaliativos no ensino, como as avaliações estão sendo compreendidas, consideradas e qual é o papel dela na escola, na visão de duas docentes de um Instituto Estadual de Educação na modalidade de Curso Normal. O delineamento metodológico desta investigação segue uma abordagem qualitativa e para a coleta de dados foi realizado um questionário, composto por cinco perguntas abertas. Como resultados, evidenciou-se que as participantes/professoras preocupam-se com as metodologias atualmente ainda presentes em sala de aula, o que sinaliza que estão dispostas e flexíveis frente a este constante desafio de mudança de concepção e práticas. Assim como, necessita-se que os processos avaliativos para a aprendizagem precisam ser repensados nos contextos escolares, pois as práticas utilizadas ainda não apresentam se houve a aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: Processos de Avaliação; Aprendizagem; Ensino.

Abstract

This article aims to investigate and discuss the evaluation processes in teaching, how the evaluations are being understood, and what is the role of the school in the vision of two teachers of a State Institute of Education in the modality of Normal Course . The methodological delineation of this research follows a qualitative approach and for the data collection a questionnaire was composed, consisting of five open questions. As a result, it was evidenced that the participants / teachers are concerned with the methodologies currently still present in the classroom, which indicates that they are willing and flexible in the face of this constant challenge of changing design and practices. As well, it is necessary that the evaluation processes for the learning need to be rethought in the school contexts, because the practices used still do not present if the student has been learning.

Keywords: Evaluation Processes; Learning; Teaching.

Resumen

El presente artículo tiene por objetivo investigar y discutir los procesos de evaluación en la enseñanza, como las evaluaciones están siendo comprendidas, consideradas y cuál es su papel en la escuela, en la visión de dos docentes de un Instituto Estadual de Educación en la modalidad de Curso Normal . El delineamiento metodológico de esta investigación sigue un enfoque cualitativo y para la recolección de datos se realizó un cuestionario, compuesto por cinco preguntas abiertas. Como resultados, se evidenció que las participantes / profesoras se preocupan por las metodologías actualmente presentes en el aula, lo que señala que están dispuestas y flexibles frente a este constante desafío de cambio de concepción y prácticas. Así como, se necesita que los procesos de evaluación para el aprendizaje necesitan ser repensados en los contextos escolares, pues las prácticas utilizadas aún no presentan si hubo el aprendizaje del alumno.

Palabras clave: Procesos de Evaluación; Aprendizaje; Enseñanza.

1. Introdução

O presente trabalho é resultado de uma série de estudos e reflexões acerca dos processos avaliativos, os quais vêm ganhando espaços de discussões cada vez maiores no contexto educacional e nos trazem algumas indagações: Como avaliar? Quando avaliar? Porque avaliar? São tantas as dúvidas lançadas, que se percebe a necessidade de pensar e discutir as configurações e possibilidades desse processo tão complexo que é a avaliação, a

partir do olhar de alguns atores educacionais, como o dos professores, dos supervisores, dos gestores e dos pesquisadores, entre outros profissionais que atuam frente à educação.

Com base nesta inquietação, o este estudo tem como propósito investigar e discutir os processos avaliativos, como estão sendo compreendidos e considerados, bem como qual é o papel dele na escola, na visão de duas docentes. Na concepção de Gatti (2009, p. 4), “[...] a diversidade de opiniões sobre as avaliações que se processam em sala de aula, tanto entre os professores, como entre os alunos, e ainda entre alunos e professores fica potente”.

A avaliação pode, no entanto, ser usada para muitas finalidades. Nesta perspectiva, “[...] os professores podem usá-la para tomar decisões, para mudar as estratégias de ensino, para ajudar os alunos a aprender, para classificar ou até mesmo para controlar o comportamento dos alunos” (CID; FIALHO, 2013, p. 2). Assim, por diversas vezes, há dificuldade tanto do docente em deixar claro o seu planejamento, seus objetivos suas estratégias de ensino, bem como, as diversas formas de avaliar, quanto para o aluno em estar compreendendo as sistemáticas adotadas e entendidas como importante para o professor que tem e leva em consideração no momento de avaliar o aluno.

Dessa forma, professor e aluno partilham dúvidas e inseguranças, gerando, por vezes, sentimentos controversos do sentido e significado da prática avaliativa. Frente a tais desafios que se apresentam, é imprescindível refletir sobre a avaliação. Como pensar em construir um espaço que proporcione a aprendizagem? Como construí-la de forma diferenciada, de modo que tenha significação no processo tão dinâmico em que ela ocorre? Como inserir todos os atores envolvidos no ensino? Como aprimorar os procedimentos utilizados nas avaliações? O desafio está posto!

Assim sendo, o estudo está inicialmente organizado através de uma contextualização, indicando o objetivo e a justificativa. Na seção seguinte, faz-se uma abordagem teórica sobre a avaliação, embasados principalmente em Perrenoud (1999) e Hadji (2001). Após, apresenta-se a metodologia utilizada, seguida da análise dos resultados obtidos. Por fim, faz-se as considerações finais.

2. Avaliação para a aprendizagem

Ao falar em avaliação, imediatamente reporta-se à ideia de avaliar alunos, no contexto educacional, relacionado aos processos de ensino. Entretanto, a avaliação não diz respeito

somente a estes, muito embora, ao inclinar-se o olhar de uma forma mais abrangente, verifica-se que a avaliação faz parte da atividade humana de reflexão.

Ao longo da literatura, encontra-se diversas discussões, as quais remetem a pensar as práticas da avaliação para a aprendizagem, que primeiramente assume uma característica apenas de controle do sistema educacional, uma avaliação acerca da seleção, refletindo uma prática hoje considerada por muitos estudiosos como tradicionalista. Vindo ao encontro dessa pressuposição, Perrenoud (1999 p. 11), enfatiza que “[...] a avaliação é tradicionalmente associada, na escola, à criação de hierarquias de excelência. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida no absoluto ou encarada pelo professor e pelos melhores alunos”.

Embora muitos estudos e análises do cotidiano do professor são refletidos em relação as práticas avaliativas no ensino, infelizmente até os dias atuais, notam-se modelos e práticas de âmbito tradicional. E por consequência, estas práticas são entendidas e utilizadas com o propósito de considerar o real alcance de conhecimento dos alunos, através da medida êxito ou fracasso na escola, caracterizando o aluno perante o grupo, se ele é melhor ou pior. Logo, são avaliados em razão das exigências entendidas pelos professores ou quem está à frente desenvolvendo o papel de avaliador. São seguidas diretrizes postas como verdadeiras e na grande maioria entendidas como únicas pelo sistema educativo (PERRENOUD, 1999).

Assim Hoffman (2006, p. 87), sublinha que “[...] a avaliação tem se caracterizado como disciplinadora, punitiva e discriminatória, como decorrência, essencialmente da ação corretiva do professor e os enunciados que emite a partir dessa correção”. Ademais, estudos enfatizam que é frequente posturas de professores que têm o propósito de “pegar os alunos”, através de atividades e questões confusas e que testes e provas são vistos como principais meios dos professores para avaliar e medir os conhecimentos, causando uma série de angústias para os educandos (GATTI, 2009).

Para Perrenoud (1999, p. 15),

Nenhum médico se preocupa em classificar seus pacientes, do menos doente ao mais gravemente ferido. Nem mesmo pensa em lhe administrar um tratamento coletivo. Esforça-se para determinar, para cada um deles, um diagnóstico individualizado, estabelecendo uma ação terapêutica sob medida. A avaliação formativa deveria ter esta mesma função em uma pedagogia diferenciada. Com esta finalidade, as provas escolares tradicionais se revelam com pouca utilidade, porque são essencialmente concebidas em vista mais do desconto do que da análise dos erros, mais para classificação dos alunos do que para a identificação do nível de domínio de cada um.

Atualmente são vários os estudos, experiências que vão se multiplicando e ampliando o sentido e compreensão das avaliações na tentativa de desenvolver e evoluir sobre estas práticas, mesmo que paulatinamente. Posto isto, nota-se a importância da prática avaliativa de uma perspectiva formativa, Hadji (2001) entende esta, toda ação pedagógica e prática de avaliar cujo propósito é incluir, acolher e regular as aprendizagens, assim como de orientar o aluno para que ele mesmo alcance e perceba suas dificuldades, contribuindo para a construção de conhecimentos, compreendendo qual a melhor forma de aprender pelos próprios alunos, permitindo-lhes progredir, respeitando cada etapa do processo de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto, certamente, será preciso superar atravessamentos, resistências relativas aos entendimentos e práticas de aprendizagem e avaliação, para que esta se torne formativa é necessário que professores e atores “[...] dêem provas, antes de tudo, de coragem” (HADJI, 2001, p. 132).

3. Metodologia

O presente trabalho tem caráter qualitativo e se constrói por meio de busca bibliográfica, e de campo, por meio de realização de um questionário organizado a partir de cinco questões norteadoras. Convém mencionar que, tendo em vista os aspectos éticos para a realização deste trabalho, as profissionais que aceitaram participar das entrevistas serão denominadas por P1 e P2, como forma de manter o anonimato. Da mesma forma, ressalta-se que o questionário foi encaminhado para as professoras por meio de correio eletrônico. Após transcreverem suas opiniões, o formulário foi reencaminhando à pesquisadora também por meio eletrônico.

Em relação aos participantes, destaca-se que ambas são professoras que atuam na rede de ensino público, sendo que uma delas também atua em rede privada. A entrevista P1 possui graduação em Pedagogia (2006), Pós-Graduação em Estimulação Precoce (2012) e Pós-Graduação Neuropsicopedagogia (2014). Atua na Educação Básica da rede Municipal e Estadual na rede municipal como professora no Atendimento Educacional Especializado e na rede Estadual como docente nas disciplinas de Didática geral, Práticas, Seminário Integrado e Educação Inclusiva.

Já a entrevistada P2 possui formação em Magistério (2009), Pedagogia (2013) e Pós-Graduação em Educação Especial (2015). Atua na rede pública, numa escola de Curso

Normal desde o ano de 2016, ministrando as disciplinas de Didática da Linguagem, Didática do Ensino Religioso e Música. Já na rede privada, atua como professora na Educação Infantil desde 2015.

Após a coleta dos dados, estes foram analisados a partir da análise de conteúdo, na qual permitiu que se fizesse a inferência de conhecimentos confrontando com o aporte teórico estudados ao longo da disciplina. Bardin (2006, p. 38) refere que a “análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

4. Resultados e Discussões

Contextualizando os resultados produzidos por meio da realização das entrevistas, observa-se que as participantes denotam preocupação em relação às práticas avaliativas utilizadas no contexto educacional. Trazem à tona a importância de pensar em metodologias que visam promover, estimular e integrar os processos de ensino aprendizagem. Além disso, observam que ainda está muito presente a utilização da avaliação por meio de provas e outros testes, em que o processo pedagógico é desconsiderado.

A primeira pergunta do questionário tem o objetivo de investigar como são realizadas as suas avaliações em sala de aula, quais os seus métodos, procedimentos e instrumentos utilizados ao avaliar o aluno. A P1 discorre que:

Faço atividades avaliativas orais (seminários, debates) e escritas (produções textuais). Tento oportunizar várias formas dos alunos demonstrarem seus conhecimentos, para que todos tenham a mesma oportunidade. Quando a avaliação é escrita, em forma de questões, corrijo, assinalo os equívocos, retomo o assunto na aula seguinte e então solicito que o aluno refaça as questões. (P1)

Já a P2 refere que:

A avaliação é uma ação constante nas minhas aulas, já que faz parte do processo pedagógico. É realizada de forma contínua e cumulativa, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno na programação curricular. Não priorizo o resultado ou o processo, mas investigo, interrogo e busco identificar os conhecimentos constantes através de trabalhos escritos individuais e em grupos, apresentação de trabalhos individuais e em grupos, conversa. (P2)

Neste primeiro item, é possível analisar que ambas as professoras procuram diversificar as formas de avaliação. Sugerem que, em suas práticas, a avaliação é compreendida como um processo, em que não podemos pensar em tê-la com um olhar fechado, inflexível e único. Ainda nesse ponto, as participantes aludem as suas práticas como

cenário onde procuram oportunizar aos discentes a possibilidade de construir a aprendizagem de formas diferenciadas.

Essa perspectiva converge com Antunes (2002, p. 17), segundo o qual “uma avaliação do rendimento escolar somente pode ser considerada eficiente quando produto de uma observação contínua ao longo do período escolar e não somente concentrada nos momentos de provas e exames”.

Nessa linha, Gatti (2009) anuncia que a avaliação em si é compreendida por muitos como algo que irá apresentar se o aluno obteve o “sucesso” ou não naquele conteúdo exposto. De acordo com a autora, em vista disso é que está a importância de realizar um número maior de trabalhos para além da aplicação de “provas ou testes”, e em momentos diferentes, pois o aluno, por diversas vezes, apresenta uma série de sentimentos, como medo, frustração, ansiedade, angústia, gerados pela insegurança em relação ao processo avaliativo.

A partir dos estudos até aqui, compreende-se que as participantes buscam entender o aprender de maneira singularizada, e consideram os diversos sujeitos envolvidos na escola, realizando maneiras diferentes de avaliações, como trabalhos escritos, orais, entre outros, como ressalta a P1 entrevistada. Diante disto, torna-se importante pensar nos dispositivos utilizados no momento da avaliação pelos profissionais. Hadji (2001) discorre que a priori a avaliação não se limita a nenhum dispositivo modelo, mas necessita de elaboração e um cuidado no momento de sua aplicabilidade. “Trata-se de dizer sobre o que será a avaliação, quando ocorrerá, o tempo que lhe será concedido, as tarefas que o aluno realizar, o tipo atuação que será levado em conta, o suporte privilegiado (escrita ou fala), etc” (HADJI, 2001, p. 77).

Dessa maneira, se o professor aprimora e utiliza seus instrumentos e sistemáticas de trabalho de forma diferenciada, possibilitará o exercício fundamental na sua profissão, um papel de mediador, irá construir estratégias que irão favorecer e motivar o aprendizado do aluno. A motivação e o estímulo fomentam todo o processo do aprender do aluno e, portanto, conforme Beber et al. (2014, p.147), “O mediador da aprendizagem tem o papel relevante na promoção de um clima favorável ao desenvolvimento motivacional do sujeito”.

Os retornos fornecidos para os alunos sobre o seu processo de aprendizagem são fundamentais. Esses *feedbacks*, que também são instrumentos de avaliação, foram outro ponto importante expressos nas respostas das participantes, conforme se verifica nos depoimentos das docentes “investigo, interrogo e busco identificar os conhecimentos construídos e as

dificuldades através de trabalhos” (P2). “Corrijo, assinalo os equívocos, retomo o assunto na aula seguinte e então solicito que o aluno refaça as questões” (P1).

O *feedback*, quando utilizado positivamente, torna-se um instrumento com muita qualidade, no qual são incluídas sugestões, novas propostas com indicações de atividades especiais para melhoria (HADJI, 2001). Assim, diante desses depoimentos, percebe-se que ambas buscam entender e procuram ter o cuidado de diagnosticar o envolvimento do aluno, se realmente houve aprendizagem.

Além disso, as professoras entendem que o ato de assinalar equívocos é uma forma de promover a aprendizagem. Entendem que deva haver a prática avaliativa, entretanto o resultado não é algo que necessariamente mostrará se houve a aprendizagem, dando a atenção a todo o processo pedagógico que deve ser considerado. Nesse sentido, Hoffmann (2006, p. 125) corrobora com esta prática, e infere a importância de “ao invés de simplesmente assinalar certo e errado nas tarefas dos alunos e atribuir conceitos ou notas a cada tarefa realizada, fazer anotações significativas para professor e aluno, apontando-lhes soluções equivocadas, possibilidades de aprimoramento”.

Na segunda questão, quando questionadas sobre quais são suas percepções em relação aos processos avaliativos e sua evolução com o tempo, a P1 avalia:

Penso que mudamos o nome do processo e mudamos a forma de representá-lo (nota/conceito), mas a avaliação continua classificatória. (P1)

Essa resposta vem ao encontro do pensamento de Paula (2016, p.120), quando defende que “legitima-se classificar o estudante como inferior, médio, superior, bom, regular ou péssimo, atribuindo a ele um valor numérico que pode ser somado e dividido, resultando em médias finais”. Ainda para Esteban (2003, p. 17), quando os processos avaliativos buscam “medir o conhecimento para classificar os (as) estudantes, apresenta-se como uma dinâmica que isola os sujeitos, que dificulta o diálogo, reduz os espaços de solidariedade e estimula a competição”.

A partir de um conceito/nota, estamos diante deste “resultado final” o qual pode mostrar os esforços dos estudantes, mas que também serve de atenção para que não se remeta a uma prática excludente. Como afirma Esteban (2003), a classificação de um aluno nos mostra que estamos diante de uma exclusão, porém o processo de aprender e ensinar necessariamente precisa da inclusão de todos os sujeitos, em que o professor consiga olhar para seus alunos, que os conheça, que consiga compreender o nível de aprendizagem em que cada aluno está.

Paula (2016, p. 120) refere que “a nota na perspectiva tradicional serve para classificar e certificar os estudantes”. Aliado a isto, P2 faz referência que:

Infelizmente a avaliação não tem evoluído tanto quanto deveria. Percebo que a avaliação ainda é vista pelos estudantes como uma ameaça, partindo de uma prática autoritária da maioria dos professores. (P2)

Diante dessa resposta, a professora possibilita refletir acerca de algo vivenciado no contexto escolar, em que a avaliação por várias ocasiões corrobora relações de poder entre professores e alunos. Sobre tal elemento, ainda para Paula (2016, p.121):

As hierarquias de excelência são imprecisas, determinadas por um jogo avaliativo. Esse jogo envolve o que o professor determina de hierarquia, como a escola influencia nas escolhas dos domínios hierárquicos e nas decisões que são tomadas no decorrer do próprio processo de criação de hierarquias.

Nesse sentido, o entendimento do processo de vezes avaliar um aluno acaba sendo uma atividade exercida somente pelo professor, pois ele é visto como o “centralizador do conhecimento e do saber”, aquele que transmite o que de certa forma é o correto. Entretanto logo, acaba sendo o responsável em propor os instrumentos a serem utilizados, assim como a maneira que irá analisá-los, além de estar diante da pressão constante sobre o processo de aprendizagem de cada aluno (ESTEBAN, 2003).

Para Antunes (2002), a aprendizagem deve se dar de forma construtivista, considerando todo o processo pedagógico. O aluno deve ser visto como sujeito responsável e envolvido no cenário, conferindo sentido no aspecto do apreender. A construção ocorre quando isso é permitido, quando não há presença de relações de poder e hierarquia em nenhum contexto do cotidiano escolar.

Para tanto, Hoffmann (2006), à luz da teoria construtivista, é entendida como aquela que remete uma perspectiva de imagem positiva do erro que o aluno comete, sendo este erro produtivo e proveitoso. “O indivíduo é entendido como um ser ativo que vai paulatinamente selecionando melhores estratégias de ação que o levem a alcançar êxito em alguma tarefa proposta, para algum desafio que se lhe apresente” (HOFFMANN, 2006, p. 60).

No terceiro questionamento, as participantes foram convidadas a pensar sobre a seguinte indagação: “A avaliação é realizada visando à aprendizagem?” P1 declara que:

Penso que não. Ela classifica os alunos em dois grupos: os que são capazes e os que são incapazes. Para visar a aprendizagem ela deveria ter a função de identificar as dificuldades dos alunos para trabalhá-las em seguida. Mas vejo que isso não acontece. Os alunos ficam com o resultado negativo e com a dificuldade. Ela não é sanada. O professor não busca outras formas de apresentar o conteúdo aos alunos com dificuldade. Ele se baseia nos que alcançam bons resultados e segue adiante. O mau resultado não é problema do professor, é problema somente do aluno, infelizmente. (P1)

A partir da resposta apresentada pela participante, evidencia-se que a avaliação ainda tem o formato classificatório, que analisa se o aluno atingiu o objetivo proposto ou não. Nessa perspectiva, Esteban (2003, p. 15) expõe que: “A avaliação classificatória configura-se com ideias de mérito, julgamento, punição e recompensa, exigindo o distanciamento entre os sujeitos que se entrelaçam nas práticas escolares cotidianas”. Diante disto Hoffmann (2006, p. 22) sugere pensar que, “[...] a verdade é que tal sistema classificatório é tremendamente vago no sentido de apontar falhar do processo. Não aponta reais dificuldades dos alunos. Não sugere qualquer encaminhamento, porque discrimina e seleciona antes de tudo”.

Diante disso, o aluno não pode se sentir o único responsável pela sua aprendizagem. Esta necessita do mediador, o qual exerce um papel desafiador, um processo que envolve a colaboração, olhar sensível, percepção, espaço de reflexão, em que as responsabilidades são compartilhadas. Gatti (2003, p.110) ainda cita que “um bom ensino só se processa em um ambiente em que a integração curricular é vivenciada coletivamente e um processo de avaliação de alunos adquire seu pleno sentido no âmbito desta”. Antunes (2002, p.16) corrobora com tal ideia ao referir:

Acreditamos que toda a escola, da educação infantil ao ensino superior, represente um espaço de vivência para o trabalho, um ambiente de estímulos epistemológicos e, sobretudo um centro de sociabilidade; estamos convencidos firmemente de que não há razão ou tempo para se discutir avaliação se percebermos a escola como um armazém onde se acumulam estoque de saberes, vendidos ou doados a clientes que não sabem e não pensam sobre e por que fazer uso desses saberes.

Voltando-se para as colocações de P2, este considera que a avaliação também envolve estar atento para a compreensão e o entendimento do aluno e, baseado nisso, será direcionado seu planejamento diário, conforme menciona em sua fala:

Sim. A avaliação faz parte do processo de ensino aprendizagem. É a partir dela que construo/elaboro o meu planejamento diário.

Pensando nas diversas discussões realizadas sobre a prática avaliativa, em razão de sua complexidade, é importante que o professor realize suas metodologias e planejamento de forma transparente, para que os alunos envolvidos conheçam as regras, critérios e as práticas utilizadas nos processos de ensino e de aprendizagem. Também é essencial pensar que a avaliação deve ter um olhar pedagógico e ser de forma processual.

No penúltimo questionamento, a pesquisadora pergunta se “existem dificuldades na hora de avaliar os estudantes bem como explicar quais seriam as dificuldades”. Como respostas, as participantes referem que:

Sim. O professor ainda tem dificuldade de olhar o aluno e perceber suas individualidades. Muitas vezes por pensar que não tem esta obrigação, outras vezes

em função do grande número de alunos em sala. Aqueles que têm dificuldade de se expressar em sala e de se fazer ouvir, passam despercebidos. (P1)

Não. Através da busca de conhecimentos sobre a avaliação e processo ensino aprendizagem consigo realizar a avaliação com segurança e tranquilidade, enxergando-a como objeto transformador da realidade dos educandos. (P2)

Neste sentido, a resposta indagada pela P1 novamente nos toca e possibilita pensar a importância do olhar singularizado para os sujeitos envolvidos no processo, considerando o momento de cada aluno, a condição em que se encontram de aprendizagem, mediante este desafio constante do cotidiano escolar. “Para avaliar, é preciso produzir instrumentos e procedimentos que nos ajudem a dar voz e visibilidade ao que é silenciado e apagado” (ESTEBAN, 2003, p. 32).

Já P2 nos apresenta que a avaliação também é “objeto transformado da realidade dos educandos” (grifos da participante). Podemos enfatizar o princípio da positividade, que auxilia o aluno a descobrir seus progressos, bem como o que sabe fazer, explorando e inspirando a autoconfiança, autoconsciência, motivação e criatividade. Além disto, ainda pode-se inferir que o aluno irá construir seu conhecimento através da interação com o meio, quanto mais o professor conseguir aproximar o ensino com a realidade deste aluno, maiores possibilidades de alcance do conhecimento este terá. “Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas” (HOFFMANN, 2006, p. 41).

Por fim, a última questão relacionada a esta pesquisa investigativa foi compreender “o papel da avaliação na escola”. Sobre isso, é apresentada a seguinte narrativa:

Penso que a avaliação tem o papel de avaliar o conhecimento do aluno e também o trabalho do professor. Quando o aluno não aprende o professor deve avaliar o seu trabalho para verificar até que ponto sua metodologia contribuiu para o mau resultado. Quando a avaliação mostrar que o aluno não aprendeu, conseqüentemente mostra que a metodologia utilizada pelo professor não foi adequada para aquele aluno. Penso que a avaliação funciona como um termômetro. Mostra de alunos e professores alcançaram os seus objetivos. Nosso problema maior é que a avaliação para no resultado. O professor não usa a avaliação para repensar sua prática e seus métodos. Como eu disse anteriormente, o mau resultado é um problema só do aluno. Ele precisa se virar sozinho com o mau resultado. O professor não pensa em outras formas de avaliação, oferece somente a prova. Aqueles alunos que têm dificuldade com esta metodologia sempre serão prejudicados. (P1)

A ideia expressada por esta participante fala por si, sintetizando várias questões que já foram abordadas anteriormente. Diariamente, nos mais diversos contextos, estamos sendo avaliados. Hoje, por exemplo, ela não separa a avaliação dos processos de ensino, pois é a partir desta que vamos buscar saber sobre o processo de desenvolvimento do aluno. Porém,

salienta-se o cuidado que deve haver para que ela faça sentido na vida do educando, que esta seja positiva e pertinente na prática educativa.

Destacam-se, ainda, outros pontos que merecem atenção. Primeiro, o entendimento da professora sobre o processo avaliativo, que deve ser utilizado como uma ferramenta para que o professor possa avaliar e rever com profundidade suas metodologias e suas formas de ensino. Assim, terá condições de buscar alternativas para que o conteúdo faça sentido ao aluno, que potencialize o aluno e que a avaliação não seja voltada somente com objetivo de controlar e classificar o rendimento os discentes, identificando se houve aprendizagem ou não.

Uma das características mais importantes desta avaliação é que o avaliador é, ao mesmo tempo, o responsável direto pelo processo que vai avaliar. É o próprio professor que trabalha com os alunos quem os avalia, não uma pessoa qualquer ou um técnico especializado. Isto implica que pensemos a avaliação em sala de aula como uma atividade contínua e integrada às atividades de ensino, algo que é decorrente destas atividades inerente a elas e a seu serviço (GATTI, 2003, p. 99).

Uma segunda questão a ser aqui enfatizada é que fica evidente a percepção da P1 referente às práticas adotadas, as quais se mostram muito aquém das necessidades atuais. A referida professora menciona acima que, desta forma, muitos docentes não possibilitam outras formas de avaliar, utilizando a prova como método único e indispensável, o professor não se vê neste processo. Já a P2 expõe que:

A avaliação é uma importante ferramenta para a escola, já que esta prática possibilita construções há toda comunidade escolar. É a partir da avaliação que se percebe o que já se conseguiu avançar e como se vai vencer o que não foi superado.

Levando em conta o que a referida professora traz, infelizmente hoje as práticas avaliativas por vezes trazem entendimentos distorcidos para escola, professores, alunos e famílias. Assim, “Certamente o é em seus efeitos: construção do destino escolar do aluno, inscrição em uma espiral de êxito...ou de fracasso! Ela o é em seu uso social dominante em situação de classe, como elemento chave da negociação didática” (HADJI, 2001, p. 130). Para Hoffmann (2006, p. 22) “O significado da avaliação na escola alcança um significado próprio e universal, muito diferente do sentido que se atribui a essa palavra no nosso dia a dia”.

As avaliações em sua maioria são utilizadas com o objetivo de considerar o alcance dos alunos, êxito ou fracasso na escola, são avaliados em razão das exigências definidas pelos professores ou quem está à frente desenvolvendo o papel de avaliador, seguindo diretrizes que são postas como verdadeiras e na grande maioria únicas pelo sistema educativo (PERRENOUD, 1999).

Com base nas respostas proferidas e nas inferências feitas a partir delas, verifica-se que as docentes têm preocupações em relação à aplicabilidade da avaliação. Chama à atenção a importância de fornecerem o apoio integrado, preocupando-se em instrumentalizar diversas e novas formas de ensinar e do aprender. Além disso, provocam o desejo de aprender do aluno, e não se valem de um único instrumento para avaliar.

5. Considerações Finais

Este estudo permitiu refletir sobre o olhar que as práticas de avaliativas estão tendo, a partir do entendimento de duas professoras participantes. Juntamente a isto, realizou-se um entrelaçamento com estudos bibliográficos sobre este tema. Destaca-se que ainda há muito para pensar sobre as práticas avaliativas. Muda-se nomenclatura/conceitos, mas a forma de trabalho perante um processo avaliativo permanece a mesma. Ainda continua-se diante de um cenário em que a realização de testes, por exemplo, é a prática mais utilizada, como sendo o fim de um processo de aprendizado, pois é avaliado o aluno de forma pontual, inflexível em alguns momentos, de cunho classificatório, fomentando uma prática excludente, que, por vezes, acaba desconsiderando o sujeito envolvido.

Conforme já mencionado durante este estudo, fica evidente a necessidade de enfatizar a temática das práticas avaliativas utilizadas nos dias atuais, enquanto processo pedagógico para a aprendizagem. Embora muitos estudos vem sendo desenvolvendo, ainda há o que se buscar, observando, criando espaços de discussões, possibilitando diversas formas do ensinar e aprender, que o professor não seja visto como um mero transmissor de conhecimento.

Outrossim, é cada vez mais imprescindível ter novos olhares para essa prática. Neste ensaio, percebe-se que as participantes/professoras preocupam-se com as metodologias atualmente ainda presentes em sala de aula, o que sinaliza que estão dispostas e flexíveis frente a este constante desafio de mudança de concepção.

Outro desafio é buscar compreender: Os professores estão conseguindo ter um olhar de forma singular para com seus alunos? Talvez este fosse outro tema a ser pesquisado. Considerar os sujeitos envolvidos dentro de sua individualidade é desafiador, em meio a tantas intercorrências que perpassam na sala de aula, mas é algo que se torna indispensável. Pensar que cada pessoa demanda uma série de necessidades as quais muitas vezes são

desconhecidas para o próprio indivíduo. Diante desse ponto, questiona-se: como preparar o docente para este olhar sensível?

E, por fim, avaliar deve ser algo que auxilie, estimule e motive o aluno transformando-o enquanto sujeito social, em um processo de construção de significado, em que o conteúdo passa a fazer sentido para o aluno, que envolva o mesmo num cenário que possibilite o aperfeiçoamento para a melhoria da aprendizagem.

Referências

Antunes, C. (2002). *A avaliação da aprendizagem escolar*: Fascículo 11. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BEBER, B.; SILVA, E. da; BONFIGLIO, S. Urnau. Metacognição como processo da aprendizagem. *Rev. psicopedag*, vol.31, n. 95 , pp. 144-151, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2019.

CID, M.; FIALHO, I. Avaliar para aprender na escola: um caminho em aberto. In: I. FIALHO; J. VERDASCA (Orgs). *TurmaMais e sucesso escolar. Trajetórias para uma nova cultura de escola*. Editora: CIEP-EU, 2013, pp. 79-89. Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia – Universidade de Évora. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9871/1/Avaliar%20para%20aprender%20na%20escola%20Um%20caminho%20em%20aberto.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019

Esteban, M. T. (2003). Organizadora. *Escola, currículo e avaliação* – São Paulo: Cortez.

Hadji, C. (2001). *Avaliação desmistificada*. Porto Alegre: ARTMED.

Gatti, B. (2003). O professor e a avaliação em sala de aula. *Estudos em Avaliação Educacional*, n. 27, jan-jun.

Gatti, B. (2009). A Avaliação em sala de aula. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Turismo*. Vol. 1, n. 1, p. 61-77, Maio.

Hoffmann, J. (2003). *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1993. 20ª Edição.

Paula, D. H. L. de. (2016). *Currículo na escola e currículo da escola: reflexões e proposições*. Curitiba: InterSaber.

Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas* – Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Daiana Graciele Bueno – 34%

Diana Machado – 33%

Sabrina Monteiro – 33%